



PANO DE FUNDO

Governo reage aos dois dias de paralisação

Prejuízos das manifestações no sector da energia avaliados em 15 milhões MT

O ministro da Energia, Salvador Namburete, diz que a Hidroeléctrica da Cahora Bassa – HCB - ainda não é “verdadeiramente” nossa. Para Namburete, esta só será “verdadeiramente” nossa depois de termos uma linha de distribuição de electricidade ligando Tete e Maputo

Qual foi o impacto das manifestações no sector da energia?

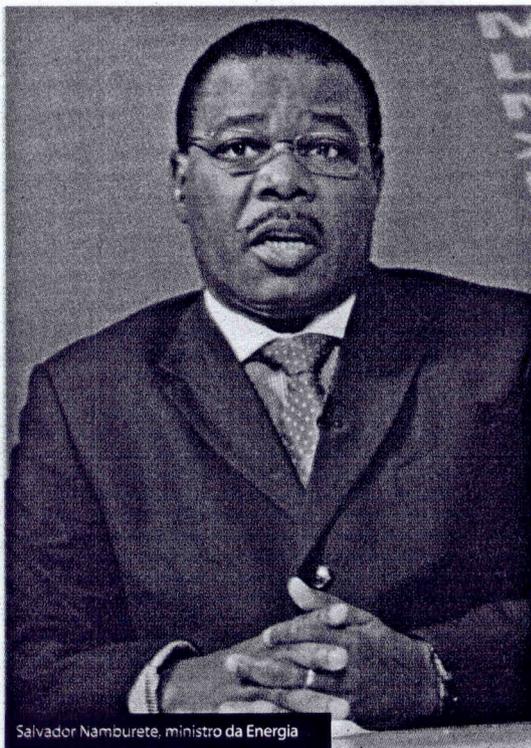
O sector da energia foi um dos atingidos por esta onda de agitação. Perdemos, a nível da Electricidade de Moçambique, várias viaturas e equipamentos, postos de transformação, cabos eléctricos e agências vandalizadas. A nível do abastecimento de combustíveis, duas bombas foram vandalizadas, incluindo uma que foi incendiada, embora o incêndio não tenha atingido grandes proporções. A estimativa preliminar indica que os prejuízos estão avaliados em 15 milhões de meticais.

Uma das alegações para estas manifestações é o aumento do preço da electricidade. O que está por detrás deste aumento?

O que justifica este aumento são os elevados custos de produção da energia eléctrica e é preciso recuperar os investimentos feitos para a electrificação rural. Só faz sentido dizermos que Cahora Bassa é nossa quando conseguirmos levar a energia a um número cada vez maior de moçambicanos. Para electrificar os distritos, gastamos anualmente cerca de 3.5 a 3.6 bilião de meticais. Há outros desafios: a energia da Hidroeléctrica da Cahora Bassa (HCB) para chegar a Maputo tem que passar da África do Sul, porque ainda não temos uma infra-estrutura de transporte dentro do país. Daí que a HCB só será verdadeiramente nossa quando fizermos um investimento de 1.8 bilião de dólares para construir a linha de transporte Tete-Maputo, vulgo espinha dorsal.

Quanto tempo precisamos para termos esse valor?

Precisamos desse valor a qualquer momento. Este é um projecto prioritário, no qual trabalhamos todos nós, desde o ministro, vice-ministro, todos os técnicos, entre outros trabalhadores do sector.



Salvador Namburete, ministro da Energia

E onde vão buscar o dinheiro?

São recursos internos. Uma das contribuições que a nova tarifa vai trazer é juntar dinheiro para o financiamento dessa infra-estrutura. Esperamos fundo do Orçamento do Estado assim como uma parte das receitas da HCB.

Aquando da reversão da HCB disse-se que ela já era nossa e ficou a impressão de que a energia no país não seria cara. Estes aumentos não estão a defraudar as expectativas do povo moçambicano?

A energia continua a ser mais barata em Moçambique do que em alguns países da região Austral de África. Temos condições para continuarmos como um país com preços competitivos, mas temos a questão dos custos de pro-

dução que são elevados. Quando avançarmos com os investimentos a que me referi, quando a dívida contraída para a reversão da HCB a favor do Estado moçambicano estiver paga, estaremos em condições de avaliar os custos reais da energia eléctrica em Moçambique.

Estamos a falar de quanto tempo?

Em relação à reversão, o contrato fala de 10 anos, mas esperamos pagar em menos tempo porque os reembolsos têm acontecido dentro dos parâmetros estabelecidos.

BIOCOMBUSTÍVEIS E GÁS NATURAL

Há cinco anos, o Governo levou avante estratégias de utili-

zação de biocombustíveis e gás natural para reduzir o impacto da subida do preço dos combustíveis no mercado internacional. Por que estas medidas não se fazem sentir?

Os projectos levam o seu tempo. Quanto aos biocombustíveis, lançámos a campanha em 2005-2006. Nós não sabíamos muito bem, mas tínhamos que fazer alguma coisa. O grande desafio que agora se coloca é conseguirmos comercializar toda a jatropha produzida. Estamos a mobilizar os operadores comerciais a fazerem o mesmo. À escala comercial, já há projectos que estão a dar resultados concretos. Temos na província de Manica, por exemplo, um projecto que está a processar semente da jatropha e vai instalar, nos próximos tempos, uma unidade para a extração de biodiesel nas províncias de Inhambane e Niassa. Por isso, não é verdade quando se diz que o Governo abandonou os biocombustíveis. Nós nunca os abandonámos, continuamos a trabalhar e aprovámos uma estratégia para darmos às devidas directrizes aos investidores.

Mas para quando teremos tudo pronto para minimizarmos o custo dos combustíveis?

Os projectos levam algum tempo. A planta da jatropha leva cinco anos a crescer, o processo de plantio começou em 2006-2007. Mas à medida que as culturas vão estando disponíveis, vamos efectuando às misturas.

O que foi feito até esta parte para garantir a expansão de bombas para o abastecimento de viaturas movidas a gás natural?

Esta foi mais uma aprendizagem e que já está a começar a surtir efeitos. Temos algumas bombas, uma nos TPM e outra na Matola. Temos três centros de conversão de viaturas, e neste momento temos mais de cem

viaturas convertidas, incluindo os “chapas”. Mas em 2008, quando houve redução dos preços dos combustíveis, a demanda pela conversão de viaturas baixou.

O Governo também adormeceu nessa altura...

O Governo não adormeceu. Trata-se de um projecto privado, a função do Governo é facilitar, ajudar, estimular etc. Mas a conversão da viatura parte de uma decisão individual e nós sabemos que quem converteu está a beneficiar disso.

Quantas viaturas do Governo foram convertidas?

A estratégia do gás estabelece que o Governo irá dar um exemplo no sentido de converter parte da sua frota. E há alguns ministérios que já tomaram a iniciativa. A estratégia estabelece que pelo menos 10% da frota do Estado deve estar convertida.

Há números concretos?

Não tenho números porque é um processo dinâmico, mas há um desafio que é o custo associado à conversão, que tem que se encontrar uma forma de financiá-lo. Por outro lado, a celeridade no processo de conversão não é tão grande, mas estamos a trabalhar no sentido de encontrarmos formas de apoiar aqueles que querem converter as suas viaturas. Estamos a trabalhar com o operador do projecto, para que através do sistema de abastecimento do gás se criem condições para o financiamento das conversões.

O gás natural é ou não solução para reduzir a dependência em relação ao petróleo?

Sendo um recurso que não depende das vicissitudes do mercado internacional, nós podemos ter um combustível que é 30 ou 40% mais barato para as viaturas. ■